

SÃO PAULO: PATRIMÔNIO HISTÓRICO, PAISAGEM URBANA E REFERÊNCIAS CULTURAIS

Déa Ribeiro Fenelon

Meu interesse pelo tema resulta do trabalho no DPH¹ e, como presidente da Compresp, quando debatemos o conceito de “patrimônio afetivo”.

A partir da criação do núcleo de pesquisa “Cultura, trabalho e cidade”, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, em 1996, venho me dedicando, com maior ênfase, a estudos relacionados às questões da cidade e do trabalho, mas sempre voltando, em cursos ou debates, ao tema da imagem da cidade e de suas referências culturais.

Essas opções correspondem a desdobramentos de concepções teóricas e maneiras de se inserir e contribuir para a produção historiográfica brasileira, sobretudo na formação de novas gerações de historiadores, através dos cursos de pós-graduação.

Nessa direção, procuramos orientar as investigações para temas que tratam da constituição dos espaços e territórios urbanos, tendo em vista a compreensão de que são as relações sociais entre os habitantes que, em última análise, acabam por definir e delinear contornos e paisagens, criando referências culturais que nos permitem perceber as imagens de uma cidade. Ao buscar essas imagens e essas referências, sabemos que elas estão sempre impregnadas de memórias e de significações que se constroem e se modificam pelas experiências e vivências sociais posteriores, exprimindo diferentes temporalidades². Trabalhar com essas temporalidades configuradas nos modos culturais do viver urbano e recuperar práticas sociais para a compreensão dos significados atribuídos pelos moradores a seu patrimônio cultural são questões e preocupações para a investigação neste projeto.

Isso se concretiza a partir de uma concepção que busca captar, nas relações sociais entre os moradores da cidade, o entendimento de modos de viver, morar, lutar, trabalhar e se divertir, para desenhar, impregnar e constituir a cultura urbana. Agindo assim, esses moradores vão imprimindo suas marcas, no decorrer do tempo histórico, alterando, transformando ou conservando, não apenas a estrutura física de suas cidades, mas também a maneira como se relacionaram ou construíram seus modos de vida no cotidiano.

É a partir daí que me interessa especialmente identificar referências culturais do patrimônio histórico e cultural que a população, em seus diversos segmentos sociais, valoriza e nomeia como seu, na relação de “pertencimento” à cidade, no meu caso, trabalhando a cidade de São Paulo no período de 1911 a 1954.

Mais que apenas a idéia do patrimônio histórico e cultural associada às construções históricas do centro da cidade, aos estilos da arquitetura urbana, aos marcos

1. Departamento do Patrimônio Histórico – Secretaria Municipal de Cultura – Prefeitura Municipal de São Paulo, 1989–1992.

2. Marcel Roncayolo, “Cidade”. In *Região Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Casa da Moeda, s/d.



identificados como símbolos de tempos “antigos” ou merecedores da preservação e do tombamento do governo, nossa idéia se impõe como a de conceber esses referentes que buscamos investigar como um “patrimônio afetivo”, digamos assim, para superar tentativas de lidar com o passado, com a nostalgia de tempos gloriosos e memoráveis. Com essa perspectiva, a forma de encarar o passado se constrói tendo em vista a busca de referências culturais que a população vai conformando em suas vivências e em sua experiência social.

No Brasil, as políticas de preservação do patrimônio foram sempre marcadas pela improvisação ou pelo uso político da cultura. Nascida nos meandros e nas contradições do autoritarismo do Estado Novo, os órgãos de patrimônio e as políticas de área, ainda que mesclados com a rebeldia modernista de “abrasileirar os brasileiros”, acabaram por cristalizar os elementos do nacionalismo autoritário com as intenções modernistas, em tentativas de recuperar o passado para alcançar uma definição da identidade nacional.

Coerente com essas concepções, configurou-se a prática de identificar um conjunto de bens culturais em que seja possível reconhecer a predominância do patrimônio edificado: igrejas, capelas, quartéis, fortes, cadeias, palácios, casa de câmara, imponentes casarões. Tudo isso posto à disposição da visitação pública, como símbolo do passado do país. Estavam consagrados e definidos os elementos simbólicos dignos de preservação e de integrar o patrimônio: as sedes do poder político, religioso e militar e da classe dominante com seus feitos e modos de viver.

Vencia outra vez a perspectiva de consagrar como dignas da preservação certas obras da arte e da cultura, símbolos do poder constituído. Desprovida da memória social que lhe permitisse a consciência histórica – pelo efeito desagregador da impossibilidade de acumular suas realizações como cultura – a maioria da população continuou sem se reconhecer nesses símbolos, sendo outra vez expropriada de suas memórias e histórias.

No entanto, na presente pesquisa, gostaríamos de concretizar a construção possível de uma cartografia das referências culturais estabelecidas pelos diversos segmentos sociais nos diferentes espaços e territórios constituídos na cidade. Preocupações que passam pelo exame e pela avaliação dos projetos e políticas de preservação do patrimônio, da paisagem edificada, mas que pretendem, além disso, investigar, por exemplo, nas propostas de alterações e reformas urbanas, nos recortes da paisagem e no reconhecimento das territorialidades, também o significado das diversas experiências sociais e, portanto, das várias memórias e das várias histórias da cidade e de seus moradores. Será de grande interesse para o avanço dessas perspectivas examinar as reações dos diversos setores sociais aos ditames e às definições da política cultural.

Enfatizamos, mais uma vez, que a cidade é uma construção dos homens e, assim, nunca pode ser entendida de modo estritamente racional. Ela é memória organizada e construção convencional, natureza e cultura, público e privado, passado e futuro. A mudança é característica das cidades, mas essas mudanças têm história, personagens e uma trama de desejos individuais e de projetos³. Daí a insistência na



afirmação de que a cidade é algo mais do que espaço de manipulação do poder ou lugar de organização da planta física das definições de arruamento, das políticas urbanas, das alterações de percursos ou do alinhamento dos edifícios.

Para sintetizar de outra maneira, concordamos com Lynch, quando diz que a cidade não se dá a conhecer por inteiro. No mais das vezes, nossa percepção da cidade não é integral, mas bastante parcial, fragmentária e envolvida por outras referências. Ainda assim, “todo cidadão possui numerosas relações com algumas partes de sua cidade e as imagens que dela produz estão impregnadas de memórias e de significações”⁴.

Assim, nesta cidade que anseia pelo futuro, mas que está sempre impregnada do passado – de memórias, de lugares e de referências –, propomos investigar como se deu esta construção social e histórica da paisagem urbana nas transformações da metrópole-São Paulo entre 1911 e 1954.

A delimitação cronológica se justifica ao considerar a data inicial, 1911 – inauguração do Teatro Municipal e de seus arredores –, como uma referência reconhecidamente anotada e registrada nas reformulações urbanas do início do século XX. E 1954, para perceber, nas comemorações do IV Centenário, em que certamente os marcos se acentuaram, a preocupação em fazer surgir a imagem de “metrópole moderna” que se institui nos poderes públicos e na sociedade civil.

Em depoimentos de viajantes do período inicial, pode-se ler, por exemplo, que

os jardins são numerosos e muito bonitos. O da Luz é um encanto, pelas esplêndidas plantas tropicais e pela abundância de flores. A Praça da Liberdade, com seu pequeno gramado inglês, seu lago e seus graciosos palacetes, é talvez a mais simpática. Há ainda o Parque Antártica, na cidade, e o da Cantareira, a poucos quilômetros, que são passeios deliciosíssimos (...) Não posso, porém, deixar de mencionar o Teatro Municipal, que é um autêntico monumento de arte arquitetônica. Creio que poucos teatros europeus podem vangloriar-se de ter sua grandiosidade e sua elegância e riqueza internas.⁵

Ou que:

O vale que separa a cidade velha da nova estava passando por muitas modificações durante minha visita, com muitos edifícios comerciais surgindo nessa magnífica área (...) Destacando-se sobre esse vale, que está sendo transformado, com muito bom gosto, em jardim público, está o Teatro Municipal, um dos melhores prédios do país (...) É um belo monumento, que atesta a sabedoria, a habilidade e o bom gosto de seus projetistas, engenheiros e arquitetos e, devido à imponência, ultrapassa em beleza seu rival do Rio.⁶

3. Joseph Ramoneda, “Que es la ciudad?”. In Jean Dethier y Alain Guiheux, *Visiones Urbanas. Europa, 1870–1993*, Barcelona, Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, 1994.

4. Kevin Lynch, *A imagem da cidade*, São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1980 (ed. original 1960).

5. Alfredo Cusano, *Italia d'outro mare*, 1913.

6. Archibald Forrest, *A tour through South America*, 1912.



Durante a investigação, será preciso examinar e perceber como se produzem essas referências, como os moradores estabelecem algumas relações entre o mundo exterior e as imagens que criam a partir de experiências, marcas de acontecimentos e as diversas maneiras de interpretá-las, quando realizam diferentes leituras da cidade.

Buscamos, enfim, a legibilidade da paisagem urbana, tentando mapear a cartografia e a memória afetiva de seus moradores nos diversos segmentos sociais em relação à cidade, ou seja caminhos, rotas, cantos, pedaços, referências, lembranças nos diferentes espaços em que sua experiência social se concretizou em modo de vida.

No dizer de Lévi-Strauss, que aqui esteve em 1935: “Descrescia-se então São Paulo como uma cidade feia (...) e contudo São Paulo jamais me pareceu feia – era uma cidade selvagem como são todas as cidades americanas”. Ou ainda Roger Bastide, em 1958: “Não se pode flunar em São Paulo. A multidão que vai para o trabalho ou que volta para casa, arrasta-nos em seu turbilhão. A qualquer hora do dia, há na rua homens apressados que nos impõem a cadência dos seus passos”.

Assim, propomos, neste projeto, tendo em vista todos os modos de lidar com as questões da cidade, a investigação e a problematização das relações sociais de apropriação, interação, abandono, esquecimento ou lembrança entre os moradores da cidade e seu espaço. Para isso, desdobramos nosso interesse nos seguintes tópicos:

- Examinar *as relações dos moradores com a natureza*, isto é, com os parques, os jardins, as alamedas, as praças públicas e as ruas, o espaço público enfim. Propostas de criação, melhorias ou idéias de transformação e até destruição;
- Investigar *os diferentes usos e as imagens* criadas na relação com os meios de transporte, como, por exemplo, o bonde puxado a burro, o bonde elétrico, o bonde operário, os caminhos para o trabalho, a disponibilidade e o acesso à moradia, regiões de manifestação e protesto e locais de festejos populares, religiosos ou profanos;
- Analisar *os projetos e as propostas de alteração do desenho urbano* e suas reformulações e intenções de intervenção das várias esferas de poder público nos recortes das territorialidades e das experiências sociais;
- Examinar *os projetos de preservação da paisagem urbana edificada*, as melhorias e as políticas de patrimônio histórico cultural da cidade;
- Identificar *roteiros, marcas, monumentos e passagens*, símbolos com a marca dessas referências e assim explorar o significado atribuído a essas relações estabelecidas;
- Perceber, *nas imagens literárias de romancistas, cronistas ou viajantes, nas composições iconográficas e nas imagens urbanas em cartões postais, em álbuns e em fotografias isoladas*, a importância, ao longo dos anos, do papel da mídia na formação das referências culturais identificadas.

Para a realização da pesquisa, temos um longo caminho a percorrer, na busca das fontes, sejam oficiais ou decorrentes da problematização de romances e crônicas sobre a cidade; jornais, sobretudo os suplementos literários e comemorativos das festividades e efemérides; os álbuns e coleções de fotografias; o trabalho dos artistas



em suas pinturas, quadros etc. E, finalmente, na medida do possível, os depoimentos orais de testemunhas. Mas isso será assunto para outra notícia, quando a pesquisa avançar mais.

